



CONFERÊNCIA

A TRANSIÇÃO DO CAPITALISMO AO NOVO MODO DE PRODUÇÃO E A EDUCAÇÃO DOS TRABALHARES: a implementação da pedagogia histórico-crítica e formação para uma nova sociedade ¹

Paulino José Orso²

Introdução

A elaboração deste texto ocorre em meio a uma tragédia política, econômica e social, que se soma à da Covid-19, que já deixou mais de 610 mil mortos no Brasil e ultrapassou a casa dos 5 milhões de mortos no mundo (15.11.21), em sua absoluta maioria, de trabalhadores. Isso demonstra que, para o capital, a vida, em especial, dos trabalhadores, pouco ou nada vale. Daí a relevância de discussão acerca da **“A transição do capitalismo ao novo modo de produção e a educação dos trabalhadores: a implementação da PHC e formação para uma nova sociedade”**.

Trata-se, sem dúvida, de um tema bastante amplo, instigante e desafiador, sobretudo quando se trata de analisar em um breve texto. De

¹ Este texto foi elaborado inicialmente como referência para aula ministrada no dia 01 de julho de 2021, na disciplina **Pedagogia histórico-crítica: ciência, currículo e didática**, organizada pelo professor José Claudinei Lombardi, ofertada pela Faculdade de Educação da Unicamp, e posteriormente reelaborado para publicação como conferência pela Revista *Exitus*. O título original do tema da aula era “A transição do capitalismo ao novo modo de produção e educação dos que vivem do trabalho: implementação da PHC e formação do homem para uma nova sociedade”. Todavia, consideramos que a expressão “... dos que vivem do trabalho”, utilizada por alguns autores como Acácia Kuenzer e Ricardo Antunes, é equivocada, pois, seguindo a tradição marxista, todos vivem do trabalho, ainda que uns vivam do seu trabalho e outros do trabalho alheio. Neste caso, melhor seria denominar de “classe que vive da venda de seu trabalho”, os assalariados. Por isso, como o trabalho é condição de existência humana, alteramos o título para: “A transição do capitalismo ao novo modo de produção e educação dos trabalhadores: a implementação da PHC e formação para uma nova sociedade”.

² Doutor em História e Filosofia da Educação pela Unicamp, professor dos cursos de Pedagogia e do Mestrado em Educação da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – Unioeste, Líder do Grupo de Pesquisa em História, Sociedade e Educação no Brasil – GT da Região Oeste do Paraná – HISTEDOPR. Orcid iD: <https://orcid.org/0000-0001-9126-3276>. E-mail: paulinorso@uol.com.br

qualquer modo, inicialmente vou tratar dos modos de produção e da transição para uma nova sociedade, em seguida, falarei da configuração do modo de produção capitalista na atualidade, e, por fim, da necessidade de sua superação e da formação da classe trabalhadora.

Modo de produção e transição

Começamos, portanto, por definir modo de produção. Em que consiste um modo de produção? Falando de uma forma bastante simples, **Modo de produção** é o modo como os homens se organizam para produzir a sua vida social numa determinada época, numa determinada sociedade. Isso envolve tanto o modo de produzir, de se organizar, de pensar, de educar, de consumir e distribuir a produção, como as relações e a vida social decorrentes.

Então, quando falamos da formação para um novo modo de produção não nos referimos a uma mudança qualquer, de realizar algumas mudanças circunstanciais, de fazer alguns ajustes e reformas pontuais, nem de promover alguma mudança em função de uma crise. Superar um modo de produção não é o mesmo que mudar de governo, nem de tomar o poder, nem mesmo de substituir uma potência hegemônica por outra, como ocorreu, por exemplo, na mudança de domínio da Inglaterra pelos Estados Unidos ou como está ocorrendo no atual momento, com a superação dos Estados Unidos pela China.

Mudança de um modo de produção, como dissemos, para falar de uma forma um tanto redundante, equivale a mudar todo um modo de produzir a vida social, de se organizar, de pensar, de se relacionar, enfim, de viver, como ocorreu a partir da Revolução Russa de 1917, da Revolução Chinesa de 1949 e da Revolução Cubana de 1959.

Em geral, a dinâmica dos modos de produção obedece a uma mesma lógica, qual seja, não nasceram prontos e acabados, não surgem nem desapareceram repentinamente, como se acende ou se apaga uma vela. A transição de um modo de produção para a outro implica num processo. Inicia com o definhamento e o esgotamento de um determinado modo de produzir

a existência e com o aparecimento simultâneo de novas relações de produção.

Nesse momento ocorre uma espécie de coexistência entre os elementos do velho modo de produção, que resiste e teima em não morrer, e do novo, que está em gestação, quer nascer, se desenvolver, se estruturar. Depois segue-se por um período em que as novas relações de produção vão se tornando hegemônicas e dominantes, suplantando as antigas. E, por fim, decorre novo processo de transição para outro modo de produção.

Como se pode perceber, os modos de produção não são eternos. Se analisarmos a história veremos que os modos de produção que nos antecederam, inclusive, tiveram diferentes durações. O modo de produção primitivo ou comunal, quando não existia nem a propriedade privada, nem as classes, nem o estado, durou entre 2,5 e 3 milhões de anos. Estendeu-se desde o aparecimento do homem até por volta de 10 mil anos antes de Cristo. Depois, na antiguidade, com o aparecimento do excedente e da propriedade privada, seguiu-se o escravismo, que vigorou por cerca de oito a dez mil anos, o feudalismo, que se estendeu por aproximadamente mil anos, e o capitalismo, que já dura em torno de cinco séculos. Todos eles baseados nas classes sociais e nas lutas de classes. Por fim, a partir de meados do século XX, também ensaiamos algumas experiências socialistas.

Quando falamos da mudança de um modo de produção, portanto, nos referimos tanto à mudança da base econômica da sociedade, isto é, da forma como se produz, distribui e consume, quanto da superestrutura, das relações sociais, da forma de organização política, da educação, da cultura, das representações sociais, das formas de pensamento etc. Enfim, falamos da produção de um novo homem e uma nova sociedade.

Hoje o capitalismo se generalizou, globalizou-se, sufocou as experiências socialistas e se impôs praticamente sobre todo o planeta. Contudo, como as contradições desse modo de produção são insolúveis, a história não é linear, e vai gestando o seu contrário.

Se no passado, ao se contrapor e superar o feudalismo, o capitalismo foi revolucionário, e propiciou uma etapa de desenvolvimento político,

econômico e social, ao longo do tempo, não só se transformou num modo de produção anacrônico, conservador e reacionário, como se transformou num entrave à própria civilização e à humanidade. Conseqüentemente, não nos resta alternativa senão lutar com todas as forças para superá-lo.

Como vimos, todavia, o escravismo e o feudalismo também são marcados pela propriedade privada e pela existência das classes sociais. Então, qual é a especificidade do modo de produção capitalista? Sua especificidade se encontra no trabalho assalariado, na extração da mais valia, na exploração da força de trabalho, na competição e na concorrência.

Segundo Adam Smith, que é considerado o pai do liberalismo econômico, o trabalho se constitui na fonte da riqueza. Marx reconheceu que de fato Smith tinha razão. Mas, admoestou que o nobre economista esqueceu de mencionar que se tratava do trabalho explorado. Isso significa que o capital não é resultado nem das bênçãos divinas, nem do esforço e do trabalho dos capitalistas, nem da sorte. Ao contrário, é resultado do trabalho explorado, da expropriação da mais valia. Eis o segredo sagrado do capital, a exploração da força de trabalho, que se constitui no objetivo primeiro e último dos capitalistas.

Aqui aparece a contradição fundamental do capitalismo, o antagonismo entre o capital e o trabalho, do qual decorrem tanto as lutas de classes, como as crises capitalistas, a necessidade de o capital acumular cada vez mais e dos trabalhadores se livrarem da exploração. Como o capital não pode superar esse antagonismo, sua história se confunde com conflitos e uma sucessão de crises.

O capitalismo não sobrevive sem crises. Seu próprio surgimento é produto de uma grande crise, a crise do modo de produção feudal, e, ao longo de sua trajetória, passou por diversas crises. Entretanto, não podemos confundir crise capitalista com o fim do modo de produção capitalista. Afinal, o capitalismo tem muitas formas de resolver, ao menos parcialmente, suas crises, antes de chegar à sua crise derradeira, ao seu fim.

No entanto, é importante diferenciar a crise para o capital e a crise para os trabalhadores. Elas têm natureza diversa e oposta. Enquanto para os

trabalhadores elas se caracterizam pela carência, pela falta, pela ausência, pela degradação das condições de vida e pelo empobrecimento, para o capital, em geral, ocorre o avesso, elas são desencadeadas pelo excesso, pela superacumulação.

Para o capital, elas ocorrem pelo fato de chegar a um nível tal de acumulação, de necessitar acumular ainda mais, e se deparar com entraves que bloqueiam e impedem a continuidade de sua acumulação. Assim, entra em crise.

Mas, como resolve suas crises? Para "resolvê-las" necessita implodir as relações de produção existentes, realizar reformas e mudanças. Desse modo, transfere a sua crise para os trabalhadores, precariza as condições de trabalho, aumenta o desemprego, destrói direitos, aumenta a pobreza, a miséria, o sofrimento e a violência. Ou seja, para o capital, a solução de sua crise implica na desventura para os trabalhadores.

As crises, entretanto, não são todas iguais, podem ser mais ou menos profundas. Podem provocar desde pequenas alterações sem comprometer a ordem existente, até causar o desaparecimento de um determinado modo de produção.

Ao contrário dos ideólogos liberais que propagavam que, com a derrubada do Muro de Berlim e o fim da União Soviética, o capitalismo havia triunfado e "a história havia chegado ao fim", ela se encarregou de desfazer essas ilusões. Aliás, desde seu surgimento, nos séculos XV e XVI, o capitalismo vem se transformando, é o mesmo, mas já não é mais o mesmo.

Portanto, quando se trata de falar da formação da classe trabalhadora para um novo modo de produção, não basta dizer que vivemos numa sociedade capitalista e de classes, precisamos lidar com a realidade concreta, ou seja, precisamos saber como o capitalismo se encontra em sua fase atual. Isso significa que é necessário saber onde nos encontramos, com quais forças nos debatemos, e aonde queremos chegar, que tipo de homem e sociedade queremos formar.

Configuração do modo de produção no atual momento

Não é novidade para ninguém que o capitalismo está passando por uma profunda crise. Alguns dizem que se encontra numa crise estrutural. Mas, qual é a natureza dessa crise? Para simplificar vamos dizer que se trata de uma crise de superprodução e de superacumulação. Poucos tem muitíssimo e muitíssimos tem pouco.

Não custa lembrar que o capital é resultado do acúmulo da mais valia e da exploração da força de trabalho. Assim, chegou no maior grau de concentração de sua história. Vejamos alguns dados.

Segundo o relatório da Riqueza Global, publicado anualmente pelo banco *Credit Suisse*, 1% da população global detém mesma riqueza que os 99% restantes (2016). Em 2020, os 50% dos adultos mais pobres, controlavam apenas 1% de toda riqueza global. E os 10% mais ricos detinham 82% dessa riqueza. Segundo esse mesmo relatório, em 2020, 1% da população brasileira mais rica controlava 49,6%, ou seja, praticamente a metade da riqueza do país. (UOL, 2021).

Quando relacionamos a concentração da riqueza com a população, vemos que as 8 pessoas mais ricas do mundo controlam mais riquezas do que a metade da população do planeta, ou seja, mais de 3,6 bilhões de pessoas. No Brasil, as 5 pessoas mais ricas concentram mais riquezas do que a metade da população do país, isto é, mais do que 105 milhões de pessoas.

No caso do capital financeiro, temos um oligopólio gigantesco em que toda a circulação do capital em âmbito mundial é controlada por apenas 28 grandes bancos.

A concentração de capital é tão absurda que, em 2016, o faturamento da Walmart foi de 476,2 bilhões de dólares. Isso significa que só o faturamento dessa empresa é maior que todo o PIB da Bolívia, do Paraguai, do Equador, do Uruguai, da Nicarágua, de Honduras, de Costa Rica, do Panamá, da Guatemala, de Cuba e do Haiti juntos, que possuem uma população de mais de 100 milhões de habitantes. E são esses grandes conglomerados que controlam praticamente toda a produção e distribuição de alimentos. Quer dizer, eles têm o poder de controlar a vida e até a morte de bilhões de pessoas.

A concentração de riquezas ocorre em todos os ramos da economia. No caso da terra, o Brasil possui o maior índice de concentração dentre as maiores nações agrícolas do mundo. Segundo pesquisa elaborada por nove instituições Imaflora, GeoLab (ESALQ/USP), IE/NEA (Unicamp), Kadaster, NAEA (UFPA), SEI (Suécia), LAGESA (UFMG), IPAM e UNEP- WCMC, com base em dados do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA) e do Cadastro Ambiental Rural (CAR),

10% dos imóveis, os maiores, ocupam 73% de toda a área agrícola do Brasil. Isso significa que dos 63.994.479 hectares cultiváveis no Brasil, 46.715.969,67 hectares correspondiam aos 10% de maiores imóveis e apenas 17.278.509,33 hectares para os outros 90% dos imóveis menores. (DOC. 2021).

Conforme o mesmo estudo

Um quarto (25%) de toda a terra agrícola do Brasil é ocupada pelos 15.686 maiores imóveis (0,3% do total de imóveis) do país [...]. Para alcançar outros 25% da área total é necessário somar as áreas dos 3.847.937 menores (77% do total de imóveis) [...]. (Idem).

7

Contudo, segundo o último censo agropecuário realizado pelo IBGE em 2017, embora a agricultura familiar possua apenas 23% das terras e tenha recebido apenas 12,9% do crédito rural, foi responsável por 67% dos postos de trabalho. Ao passo que, o agronegócio tem 77% das terras e recebeu 87,1% do crédito rural, gerou apenas 33% dos empregos.

De acordo com estudos da CNA (Confederação Nacional da Agricultura) em conjunto com o (Cepea/ESALQ-USP), enquanto os trabalhadores eram atacados e o PIB do país teve uma queda de 4% em 2020, graças aos auxílios governamentais, o agronegócio cresceu 24,31%. No entanto, nesse mesmo ano, ele eliminou 948.610 empregos no campo. Ou seja, enquanto o capital cresce e se monopoliza cada vez mais, também aumenta o descarte dos trabalhadores.

Por outro lado, no caso da mídia, a concentração não é diferente. Nos Estados Unidos, oito grandes conglomerados controlam praticamente 94,5% de todas as comunicações veiculadas no país.

De acordo com Ben H. Bagdikian (2000, p. 20 e 21),

em 1983, cinquenta corporações dominavam a maior parte de todos os meios de comunicação de massa. [...] Já em 1987, essas cinquenta empresas ficaram reduzidas a 29. [...] Em 1990, [...] se reduziram para 23. [...] Em 1997, as maiores empresas eram apenas em número de dez.

No ano de 2000, o controle midiático se reduziu a 6 grandes corporações: a Time Warner, Walt Disney, Viacom, News Corporation, CBS Corporation e General Electric/NBC Universal, que passaram a ser chamadas de “Big Six”. E, em 2004, reduziu-se a apenas 5 mãos, que produzem e distribuem as informações para o resto do mundo.

No caso do Brasil, a concentração das comunicações também é escandalosa. Segundo Pepe Escobar (2016), são apenas 4 famílias que detém o controle de aproximadamente 90% da mídia no país, a saber: as Organizações Globo, o grupo Sílvio Santos, o Grupo Abril e o Grupo Folha de São Paulo.

Segundo Adriana Braz, quarenta grupos controlam nada menos de 545 veículos. O Grupo Globo sozinho alcança uma audiência maior do que a soma do 2º, 3º, 4º e 5º maiores grupos brasileiros de comunicação.

No caso da TV Globo, criada durante a ditaduras, em 1965, possui cinco emissoras próprias e 119 emissoras afiliadas, consolidou-se como a 2ª maior rede de TV do mundo, ela produz e distribui conteúdo que chega a 99,6% dos lares do país.

Ademais, o capital e as comunicações se misturaram e se entrelaçaram de tal modo que são praticamente inseparáveis. Assim, as informações e “a verdade” passam a ser sinônimo do interesse de um reduzidíssimo número de empresários, de pastores e de latifundiários, que, sob a tal de “liberdade de imprensa”, que mais se parece com a liberdade de empresa, os conglomerados midiáticos, transformaram-se em fábricas de ilusões e porta-

vozes dos grandes capitalistas nacionais e internacionais, que falam ou mostram o que querem, quando e como querem, do mesmo modo que escondem o que e quando querem, conforme seus interesses. (ORSO, 2020a).

Desse modo, com todo esse poder de manipulação e condução, não é difícil de entender como se produz a “massa”, a “boiada”, que segue a sina conforme é adestrada, a despeito de “pensar” que é “sujeito” de sua história e de que age conforme sua “livre iniciativa”, segundo “sua vontade”.

Como se pode perceber, o capital se encontra no maior grau de concentração de sua história. E é essa a razão da atual crise. Pois, dada sua insaciável sanha de acumulação, ao se deparar com relações de produção que o impedem de continuar acumulando, entra em crise. E para superá-las, precisa revolver todas as barreiras que encontra à sua frente. Nesse caso, se necessário, promove conflitos, trama golpes, derruba governos, aprisiona pessoas, realiza reformas, privatiza, devasta o meio ambiente, e, no limite, mata e extermina.

Aqui aparece com clareza a razão do golpe de 2016, que derrubou a presidente Dilma Rousseff, e toda a devastação que se seguiu. Eis as razões do congelamento dos gastos em saúde e educação, da reforma trabalhista, da terceirização, da reforma da previdência, das privatizações, da reforma administrativa, dos ataques ao funcionalismo público, numa palavra, do tal de “enxugamento do estado”, do “estado mínimo” (para os trabalhadores, é claro). É o capital que promoveu e apoiou o golpe cobrando sua fatura, açambarcando o Estado e submetendo-o aos seus interesses exclusivos. Para eles, “estado máximo”.

Por isso é que, em plena pandemia, enquanto milhões de trabalhadores perderam o emprego e tiveram as condições de vida degradadas, enquanto a pobreza aumentou e muitos países entraram em recessão, um pequeno grupo de bilionários viu sua fortuna aumentar em quase 30%.

De acordo com o levantamento feito pelo banco suíço UBS, a fortuna dos ultra-ricos pulou de US\$ 8,9 trilhões no final de 2017, para US\$ 10,2 trilhões em 2020. (CHADE, 2021). No caso do Brasil, enquanto o governo ia promovendo reformas e mais reformas para “estancar a crise”, traduzindo, ia

atacando os trabalhadores, entre 2019 e 2020, a fortuna dos ultra-ricos, teve um aumento de 50 bilhões.

Em consequência da acumulação do capital, que controla todas as riquezas produzidas pela classe trabalhadora, e patrocina tramas, conflitos, golpes e guerras, vemos a pobreza e a miséria se estenderem por toda a terra.

No Brasil, por exemplo, depois de termos saído do mapa da fome durante os governos do Partido dos Trabalhadores (2003-2016), retornamos a ele com os governos de Michel Temer e Jair Bolsonaro. Agora nos deparamos com milhões de pessoas novamente morando na rua, entregue às drogas, vivendo à mingua, disputando ossos e restos de comida para tentar sobreviver.

Como o capital se encontra extremamente concentrado e as tecnologia altamente desenvolvida, já não precisa mais de tantos braços, pernas e cérebros para produzir e satisfazer suas necessidades. Em decorrência do desenvolvimento das tecnologias e de sua concentração privada, de acordo com as previsões, cerca de 60% das atuais profissões devem desaparecer num curto espaço de tempo, aumentando o exército de reserva, além de continuar pressionando os salários, aumentando os lucros.

Mas, como resolver essa crise de superprodução e de superacumulação? Por parte do capital, existem três formas básicas. Uma é destruindo forças produtivas para estancar a produção, outra é exterminar uma grande parte do exército de reservas, isto é, de trabalhadores, e outra ainda, é destruir infraestrutura para depois reconstruir e recolocar o capital em movimento, como ocorreu na Segunda Guerra Mundial.

No atual momento, como os Estados Unidos, apesar das inúmeras provocações à Rússia, à China, à Coreia do Norte, à Síria, à Venezuela etc., não conseguiu desencadear uma nova grande guerra, a Covid-19 está sendo usada para regular um dos fatores da crise, eliminar trabalhadores, e tentar resolver parte da crise do capital. Contudo, como não destrói nem as forças produtivas, nem a infraestrutura, enquanto não se produz essa guerra, o governo de Joe Biden está promovendo uma espécie de plano Roosevelt e

despejando trilhões de dólares no mercado para satisfazer os apetites do capital.

Não podemos esquecer, portanto, que estamos falando de um modo de produção baseado em classes, e que os trabalhadores são os responsáveis pela produção de todas as riquezas, e, mais do que isso, sem eles, o capital não existiria. Contudo, a riqueza que eles produzem, ao invés garantir uma vida melhor, está sendo utilizada para aniquilá-los.

Em função disso, da parte dos trabalhadores, não basta reformar o capital e aliviar a sua crise, é necessário superar o atual modo de produção que gera as crises, e produzir um novo homem, uma nova sociedade.

Contudo, como se percebe, não dá para esperar que o capital, que se locupleta com essa situação, preocupe-se em suplantar essa realidade. Do monstro só podemos esperar mais destruição. Logo, como nos diz Marx, a transformação será obra dos trabalhadores ou não ocorrerá.

Para isso, porém, é preciso (re)educar os trabalhadores. Sim, (re)educar, pois, o capital vem educando ou adestrando os trabalhadores à sua forma, fomentando o individualismo, a competição e a divisão, conforme suas conveniências e necessidades.

Educação da classe trabalhadora para uma nova sociedade, para um novo modo de produção

É importante que se diga que a educação e a sociedade andam juntas. Uma não existe sem a outra. A vida social pressupõe educação e a educação não existe sem a sociedade.

Na modernidade, pensadores como Thomas Hobbes, John Locke, Jean Jacques Rousseau, Steuart Mill, Herbert Spencer e Karl Marx, dentre muitos outros, cada um a seu modo, estavam preocupados em como organizar a sociedade. Hoje, passados alguns séculos, continuamos nos debatendo com a mesma questão – como organizar a sociedade. O capitalismo, todavia, já deu mostras de que não é capaz de garantir nem mesmo os direitos formais. Tanto menos consegue garantir direitos efetivos e defender a vida.

Mas, em que consiste a educação? Diria que a educação, na perspectiva de Alvaro Vieira Pinto, é a forma como a sociedade prepara e educa os indivíduos para viverem nela mesma.

Entretanto, alguém poderia falar, se a sociedade não só é de classes, mas extremamente desigual, se existem conflitos, lutas, guerras e violência, se os que produzem não usufruem dos produtos do seu trabalho e muitos passam fome, como educar para viver na sociedade? Sim é preciso educar para viver na sociedade. Entretanto, não significa que devemos educar a classe trabalhadora para a submissão, para a adequação e para a adaptação às condições vigentes.

Veja que falamos de educação da classe trabalhadora e não de educação dos que vivem do trabalho. Pois, como dissemos, todos vivem do trabalho, o trabalho é uma condição existencial do homem. No entanto, na sociedade fundada na propriedade privada e dividida em classes, uns vivem do seu trabalho e outros à custa do trabalho alheio.

Por isso, é necessário se educar a classe trabalhadora para a construção de um modo de produção antagônico aos modos de produção fundados na propriedade privada dos meios de produção, baseados nas classes sociais. É inadmissível que um trabalhador, que se reconhece enquanto tal, que tem consciência de sua condição de classe, que tem consciência de que é explorado e dominado, seja ele professor ou qualquer outro educador, eduque outros trabalhadores e seus filhos para a submissão e adequação ao *statu quo*.

Como a educação se constitui na preparação para a vida social, sendo a sociedade, uma sociedade de classes, é indispensável que a escola e os professores proporcionem os conhecimentos e as condições para que os alunos conheçam efetivamente a realidade e, portanto, para que se reconheçam como trabalhadores. É desnecessário dizer que, caso não o façam, não só não estarão cumprindo com sua obrigação de ensinar a verdade, como estarão alienando, e deixando de efetivamente prepará-los para a vida superior.

Contudo, se o educador não se reconhecer como trabalhador, jamais conseguirá preparar para a vida e educar outros trabalhadores para uma nova sociedade, para um novo modo de produzir, se organizar e viver. Para isso, é necessário socializar conhecimentos que permitam conhecer efetivamente a natureza, o mundo, a sociedade e a si mesmos, reconhecer-se enquanto classe e se transformar em agentes transformadores.

Alguns intelectuais falam que nos primórdios da humanidade, enquanto não existiam nem classes sociais nem o Estado, a educação era pela e para a vida. Mas, pergunto: Durante o escravismo, o feudalismo e agora no capitalismo, a educação não é pela e para a vida?

Sim, sem dúvida. A educação continua sendo pela e para a vida, porém, predominantemente adequada ao modo de produção vigente. A educação para um novo modo de produção, para uma nova sociedade, como não poderia deixar de ser, não pode ser igual a que corresponde aos modos de produção baseados em classes, fragmentada, alienada, parcial, pobre, em conta gotas, necessária à reprodução das condições existentes.

Ao contrário, para a classe trabalhadora, deve-se proporcionar o acesso ao que há de melhor e mais desenvolvido em termos de conhecimento já existente. Como diria Saviani, deve possibilitar a produção, direta e intencional, em cada indivíduo singular, a humanidade que é produzida histórica e coletivamente pelo conjunto dos homens (SAVIANI, 2011, p. 6); um conhecimento que possibilite o pleno desenvolvimento dos alunos, o desenvolvimento da omnilateralidade e a emancipação humana. Porém, jamais podemos esquecer que vivemos numa sociedade de classes e que a construção desse ideal depende da luta.

Além disso, como se trata de superar todo um modo de produção e não de apenas realizar algumas reformas pontuais em função de uma crise conjuntural ou de promover a mudança de um governo,

a importância de os educadores se identificarem enquanto classe, considerarem a totalidade das relações e, conseqüentemente, arregimentarem o internacionalismo proletário para enfrentar os desafios que afligem os

trabalhadores, tanto em escala local, quanto global. (ORSO, 2020b).

Enfim, é necessário que a educação seja orientada, guiada e norteada por uma teoria pedagógica. Apesar de que, mesmo sem ela, pode-se realizar algumas ações e projetos contra hegemônicos, sem teoria pedagógica, não há direção, nem rumo. Orientar a prática pedagógica por uma teoria pedagógica revolucionária significa realizar todas as ações na mesma direção. Portanto, mais do que importante, é necessário se adotar uma teoria pedagógica, como é o caso da pedagogia histórico-crítica, que articule toda a organização da escola e o trabalho pedagógico na mesma direção, em sintonia com o novo modo de produção que se quer construir.

Referências

Ricardo A. **Os sentidos do trabalho**. São Paulo: Boitempo, 1999.

CHADE, J. **Bilionários ficam ainda mais ricos no Brasil e no mundo durante a pandemia**. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/colunas/jamil-chade/2020/10/07/pandemia-fez-bilionarios-ficarem-ainda-mais-ricos-no-brasil-e-no-mundo.htm?cmpid=copiaecola>. Acesso em 29.06.21.

DOC. **Desigualdade no campo**. Brasil é o país com maior concentração de terras no mundo. Disponível em: <https://www.causaoperaria.org.br/brasil-e-o-pais-com-maior-concentracao-de-terras-no-mundo/>. Acesso em 29.06.21.

KUENZER, Acácia Zeneida (Org.). **Ensino Médio**: construindo uma proposta para os que vivem do trabalho. 3ª edição, São Paulo: Cortez, 2002.

ORSO, P. J. **Um espectro ronda a educação e a escola pública**. Uberlândia-MG: Editora Navegando, 2020a.

ORSO, P. J. O novo coronavírus, a pedagogia histórico-crítica, a sociedade de classes e o internacionalismo proletário. In: **Revista Exitus** Santarém/PA, Vol. 10, p. 01-54. Disponível em: <http://www.ufopa.edu.br/portaldeperiodicos/index.php/revistaexitus/article/view/1432/849>. Acesso em 15.11.21.

SAVIANI, D. **Pedagogia histórico-crítica**: primeiras aproximações, 11.ed.rev. Campinas-SP: Autores Associados, 2011.

UOL. **Desigualdade aumenta no Brasil, e 1% da população concentra 50% da riqueza**. Disponível em: <https://economia.uol.com.br/noticias/redacao/2021/06/24/distribuicao-riqueza-nacional---brasil.htm?cmpid=copiaecola>. Acesso em 29.06.21.



Recebido em: 29 de setembro de 2021.

Aprovado em: 15 de novembro de 2021.

Publicado em: 20 de novembro de 2021.

